

«Assustadoramente credível e com personagens intensas.
Simone St. James pode bem vir a ganhar outro prémio.»

— **BOOKLIST**

AS RAPARIGAS PERDIDAS

SIMONE
ST. JAMES

AUTORA VENCEDORA DOS PRÉMIOS *RITA* E *ARTHUR ELLIS*

TOP
SEL
LER

Dedico este livro à minha mãe, a grande heroína da minha vida.

Adoro-te, mãe.

Prólogo

Barrons, Vermont
Novembro de 1950

O sol deixara de se ver na linha do horizonte quando a rapariga chegou à crista da Old Barrons Road. Era noite, e ainda tinha cinco quilómetros para andar.

O ar, ali, tornava-se azul ao crepúsculo, arroxeadado e frio, com uma luz que esbatia os detalhes como se se estivesse a ver através de uma cortina de fumo. Semicerrando os olhos, a rapariga lançou um olhar rápido à subida atrás dela, enquanto a brisa lhe desordenava o cabelo e se lhe insinuava pelos interstícios do tecido fino da gola, mas, tanto quanto conseguia ver, ninguém a seguia.

Mesmo assim, pensou: *Mais depressa.*

Apressou-se a descer a ladeira, com a camada grossa dos sapatos da escola a fazer rolar pedras pelo piso irregular e as pernas movendo-se como as de um potro, à medida que se tentava equilibrar. A saia de lã cinzenta já lhe estava apertada — ficando-lhe acima dos joelhos —, mas não havia nada que pudesse fazer. Levava a saia do uniforme na mala que lhe ia embatendo nas pernas, e, não tardava nada, havia de a vestir outra vez.

Se tiver sorte.

Para com isso, parva. Parva.

Mais depressa.

Sentia as palmas das mãos suadas na pega da mala. Quase deixara cair a mala ao arrastá-la do autocarro à pressa, com o suor

pungente nas costas e nas axilas, enquanto olhava para cima, para as janelas do autocarro.

«Está tudo bem?», perguntara-lhe o condutor depois de algo no pânico estampado na cara da adolescente ter penetrado a muralha da sua indiferença.

«Sim, sim», respondera ela com um sorriso pálido e um aceno, ao mesmo tempo que se virava para se ir embora, com a mala a bater-lhe contra os joelhos como se estivesse a deslocar-se apressadamente ao longo de uma rua citadina apinhada e não a mover-se lentamente por uma estrada pavimentada em mau estado, conhecida apenas como North Road. As sombras já se tinham alongado, e ela olhara para trás quando a porta se fechara e novamente quando o autocarro se começara a afastar.

Mais ninguém tinha saído do autocarro. O raspar dos sapatos no pavimento e o crocitar de um corvo lá ao longe eram os únicos ruídos que se ouviam. Estava sozinha.

Ninguém a havia seguido.

Ainda.

Chegou ao fundo da ladeira de Old Barrons Road, ofegante com a pressa. Obrigou-se a manter o olhar fixo em frente. Olhar para trás representaria uma tentação. Se olhasse apenas para a frente, manter-se-ia à distância.

Inclinou-se para a frente, forçando o corpo a andar mais depressa. Se cortasse pelo meio das árvores, faria uma diagonal que a levaria ao campo desportivo, onde pelo menos haveria a possibilidade de encontrar alguém a caminho do seu dormitório no colégio. Era um caminho mais curto do que este, que contornava a mata até aos portões da frente de Idlewild Hall. Mas, para isso, teria de sair da estrada e atravessar o arvoredo às escuras. Podia perder-se. Não conseguia decidir-se.

O coração sobressaltou-se-lhe no peito, voltando depois ao ritmo habitual. O esforço provocava-lhe sempre aquele efeito, tal como o medo. A mistura tóxica de ambas as coisas fez com que ficasse tonta por instantes, deixando-a incapaz de pensar. O seu corpo ainda não era o adequado. Embora tivesse 15 anos, os seios eram pequenos e o

primeiro período apenas lhe viera no ano anterior. O médico avisara-a de que haveria um atraso, perfeitamente normal, um efeito secundário biológico da desnutrição. «És nova e vais recuperar», havia ele dito, «mas o teu corpo passará por uma tortura». A frase ecoara-lhe na cabeça durante algum tempo, filtrando-se-lhe pela confusão de pensamentos. *O teu corpo passará por uma tortura*. Chegava a ser sombriamente engraçado. Quando os tios-avós a viram e perguntaram o que o médico tinha dito, deu por si a responder: «Disse que o meu corpo passará por uma tortura». Perante os olhares perplexos que se seguiram, ensaiou qualquer coisa reconfortante: «Pelo menos ainda tenho os dentes todos». Nessa altura desviaram o olhar, aqueles americanos que não compreendiam o feito que era ficar com os dentes todos. Depois daquilo, remeteu-se ao silêncio.

Aproximava-se agora do portão principal de Idlewild Hall. As memórias vinham-lhe de maneira desconcertante: esquecerara-se do nome de metade das colegas com quem vivera, mas lembrava-se da ilustração no frontispício do velho *Anuário das Raparigas de Blackie* que havia encontrado numa prateleira do dormitório: uma rapariga com um vestido de cintura descida dos anos 20 do século passado, passeando um cão traquina por uma colina, cobrindo os olhos com a mão enquanto o vento lhe despenteava o cabelo. Contemplara aquela ilustração tantas vezes que sonhava com ela, recordando-se de cada traço, mesmo naquele momento. Uma parte do seu fascínio pela imagem vinha da inocência, da timidez pura da rapariga do desenho, que podia passear o cão sem pensar em médicos nem em dentes, feridas ou escaras, nem nenhuma das outras coisas que ela enterrara bem fundo no cérebro, coisas que vinham à superfície antes de recuarem de novo para a escuridão onde habitavam.

Não ouvia qualquer barulho atrás dela, mas, subitamente, soube. Mesmo com o vento a soprar-lhe nos ouvidos e o som dos seus próprios passos, havia um murmúrio qualquer, um sussurro com que devia estar sintonizada, pois quando voltou a virar a cabeça, com o pescoço a ranger em protesto, ela viu a figura. Recortada no alto da colina que ela própria passara antes, começou a descer a estrada na sua direção.

Não. Fui a única pessoa a descer do autocarro. Não havia mais ninguém.

Mas ela sabia, não sabia? Sabia. Era por isso que estava quase a correr, com os nós dos dedos e o queixo a ficarem dormentes com o frio. Começou então a correr ligeiramente, com a mão quase a escorregar da pega da mala, que lhe continuava a bater contra a perna. Pestanejou com força por entre a escuridão que se instalava, tentando distinguir formas, pontos de referência. A que distância estava? Conseguiria chegar?

Voltou a olhar furtivamente para trás. Através da escuridão, conseguia distinguir uma saia preta comprida, a cintura e ombros estreitos, o balançar translúcido de um véu preto sobre o rosto da figura que se movia ao vento. Pés invisíveis que se movimentavam por baixo da saia. Os detalhes eram já visíveis porque a figura estava mais próxima — deslocando-se apenas a passo, mas aproximando-se mais e mais a cada vez que a rapariga olhava. O rosto por trás do véu não era visível, mas a rapariga sabia que estava a ser observada e que o olhar oculto a fixava.

Em pânico, mudou abruptamente de direção, saindo da estrada e investindo pelo meio do arvoredo. Não havia qualquer caminho, o que fazia com que o avanço pelo espesso emaranhado de arbustos fosse lento, com os caules mortos das ervas a picarem-na por cima das meias. Segundos volvidos, a estrada atrás dela desapareceu, e calculou a direção, esperando estar a ir em linha reta no sentido do campo desportivo. O terreno atrasava-a, e pelas omoplatas escorriam-lhe gotas de suor, imediatamente absorvidas pelo algodão barato da blusa que se lhe colava à pele. A mala era desajeitada e pesada, e depressa a abandonou para se deslocar mais desembaraçadamente pela mata. Não havia outro barulho que não o som ofegante da sua própria respiração.

Torceu o pé e sentiu uma dor aguda pela perna acima, mas não parou de correr. O cabelo soltou-se-lhe dos ganchos, e os ramos arranhavam-lhe as palmas das mãos à medida que os afastava da cara, mas continuou a correr. À sua frente via a velha vedação que cercava Idlewild Hall, danificada e carcomida pela podridão, fácil de

atravessar. Não ouvia qualquer som atrás dela. Mas eis que, de repente, algo se fez ouvir.

Mary Hand, Mary Hand, morta e enterrada em terra grande...

Corre, corre, se não a vês.

Ainda te pede amizade...

À frente, as árvores começavam a escassear, e conseguia distinguir a luz nacarada da Lua iluminando a clareira do campo desportivo.

Não a deixes entrar outra vez!

Os pulmões da rapariga queimavam e um soluço subiu-lhe na garganta. Não estava preparada. *Não estava.* Apesar de tudo o que tinha acontecido — ou talvez por causa disso. O sangue ainda lhe bombeava pelas veias; o corpo exausto ainda corria. E, num momento de pura e sombria iluminação, compreendeu que era tudo em vão.

Sempre soubera que os monstros existiam.

E agora estavam ali.

A rapariga olhou para a escuridão e gritou.

Capítulo 1

Barrons, Vermont
Novembro de 2014

Osom estridente do telemóvel acordou Fiona com um sobresalto no banco do condutor. Inclinou-se para a frente, apoiando as palmas das mãos sobre o volante e olhando fixamente para a escuridão para lá do para-brisas.

Pestanejou, concentrando-se. Teria adormecido? Tinha estacionado na berma de gravilha de Old Barrons Road, disso lembrava-se, para poder ficar sentada em silêncio e pensar. Devia ter adormecido.

O telemóvel tocou outra vez. Limpou os olhos rapidamente e olhou para o telefone, no banco do passageiro, para onde o tinha atirado. O visor brilhava no escuro. Mostrava o nome de Jamie e as horas: três da manhã. Era o dia em que Deb faria 40 anos se ainda fosse viva.

Pegou no telemóvel e atendeu.

— Jamie...

A voz dele era um murmúrio sonolento e acusador do outro lado da linha.

— Acordei e não estavas aqui.

— Não conseguia dormir.

— Foste-te embora? Por amor de Deus, Fee. Onde estás?

Ela abriu a porta e pôs as pernas de fora, no ar gelado. Ele ia ficar zangado, mas não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso.

— Estou em Old Barrons Road. Estou estacionada na berma da estrada, ao fundo da colina.

Jamie ficou calado por instantes, e ela soube que ele estava a calcular a data. O aniversário de Deb.

— Fee.

— Estava quase a ir para casa. A sério.

Saiu do carro e pôs-se de pé, com as pernas dormentes a protestarem e o ar frio a fazê-la despertar e a desgrenhar-lhe o cabelo. Foi até à beira da estrada e olhou para um lado e para o outro, mettendo a mão livre no bolso do casaco impermeável. Na direção de onde viera, via a placa de sinalização indicando 45 quilómetros para Burlington e, ao cimo da colina, as luzes esbatidas do posto de combustível aberto 24 horas. Para lá da colina, fora de vista, sabia que havia um cruzamento com a North Road, com a sua confusão de restaurantes de *fast food*, mais postos de combustível e algumas prometedoras grandes superfícies. Na direção oposta, à frente do capô do carro, havia apenas escuridão, como se Old Barrons Road desaparecesse da face da Terra.

— Não precisavas de ir para casa — disse Jamie.

— Eu sei — respondeu Fiona. — Mas estava inquieta e não te queria acordar. Por isso, saí e pus-me a conduzir, mas depois comecei a pensar.

Ele suspirou. Ela imaginava-o recostado nas almofadas, com uma velha t-shirt e boxers, com os atraentes músculos do antebraço fletidos enquanto esfregava os olhos com a mão. O turno dele começava às 6h30; ela tentara mesmo não o acordar.

— A pensar em quê?

— Comecei a interrogar-me sobre como estará o trânsito em Old Barrons Road a meio da noite. Por exemplo, se alguém estacionasse aqui o carro e o deixasse simplesmente, quanto tempo levaria até que alguém passasse e o visse? A Polícia sempre disse que não era possível que o Tim Christopher deixasse o carro aqui durante tanto tempo sem ser visto. Mas, na verdade, nunca testaram essa hipótese, pois não?

E lá estava: o demónio, a coisa horrível, a vir à superfície, profetizada em voz alta. A coisa que ela tão bem aprendera a guardar lá no

fundo. A ideia vinha-a incomodando há dias, à medida que o aniversário de Deb se aproximava. Tentara não falar nisso, mas nessa noite, enquanto se mantinha deitada, insone, não conseguiu conter os pensamentos.

— Isto não é saudável — disse Jamie. — Sabes bem que não é. Sei que pensas muito na tua irmã. Sei o quanto lamentas a perda dela. Mas ir mesmo a Idlewild... Isso é diferente, Fee.

— Eu sei — disse Fiona. — Sei que já falámos sobre isto. Sei o que me costumava dizer o meu terapeuta. Sei que já lá vão 20 anos. Tenho tentado não ficar obcecada com isto, juro. — Esforçou-se para não deixar transparecer a súplica na voz, sem sucesso. — Estou a pedir-te que me ouças, está bem?

— Está bem — respondeu ele. — Diz lá.

Ela engoliu.

— Vim aqui e estacionei na beira da estrada. Fiquei aqui sentada durante — olhou para o relógio — 30 minutos. Jamie, 30 *minutos*. Não passou um único carro. Nem um. — Pelos cálculos dela, estava ali há 45 minutos, mas adormecera durante 15, por isso não estava a fazer conta com esses. — Ele podia ter estacionado aqui e ter tido tempo para o fazer. O campo de Idlewild Hall fica só a dez minutos atravessando pelo meio do arvoredo. Teria tido muito tempo.

Do outro lado da linha, ouviu Jamie a respirar. Estavam juntos já há um ano — um facto que ainda a surpreendia por vezes —, e ele sabia que não devia dizer as palavras ocas de circunstância. *Não importa. Isto não a vai trazer de volta. Ele já está na prisão. Foi há 20 anos; tens de seguir em frente.* Em vez disso, disse:

— A Old Barrons Road de 1994 não era como a de hoje. O velho cinema ao ar livre ainda estava aberto no lado nascente da estrada. Não tinha muito movimento nos anos 90, mas os miúdos costumavam fazer festas por lá, especialmente na época do Halloween.

Fiona engoliu o protesto que sentia a subir-lhe na garganta. Jamie tinha razão. Virou-se e olhou para a escuridão do outro lado da estrada, para onde o velho cinema ao ar livre costumava estar, agora um terreno abandonado. O grande ecrã tinha sido há muito desmontado; a barraca gordurosa das pipocas, desmantelada, restando

apenas uma clareira com lixo por trás das árvores, coberta de ervas daninhas. Lembrava-se de, em criança, implorar aos pais que as trouxessem, a ela e a Deb, ao cinema ao ar livre, pensando, com a sua lógica de criança, que seria uma experiência empolgante, um milagre sensorial. Depressa aprendera que era uma pretensão inútil.

Era tão provável que os seus intelectuais pais as levassem ao cinema para ver *O Caça Polícias II* como ir dar um passeio à Lua. Deb, três anos mais velha e mais sensata, limitara-se a abanar a cabeça e a encolher os ombros com a decepção de Fiona. *O que esperavas?*

— Não devia haver muitas crianças no cinema ao ar livre numa quinta-feira de novembro — disse ela.

— Mas *havia* miúdos lá — disse Jamie com a lógica fácil e imediata de alguém cuja vida não fora destruída. — Nenhum deles se lembra de ter visto o carro do Christopher. Isso foi tudo abordado na investigação.

Fiona sentiu um latejar de exaustão atrás dos olhos, imediatamente contrariado por um surto de energia que não a deixava descansar. Deu meia-volta e afastou-se da colina e das luzes do posto de combustível, em direção à escuridão, passando o capô para o outro lado da Old Barrons Road.

— É natural que penses que investigaram tudo — disse ela, com a voz a sair-lhe mais incisiva do que pretendia. — És agente da Polícia. Tens de acreditar nisso. No teu mundo, uma rapariga é assassinada e as mentes mais brilhantes de Vermont juntam-se para resolver o caso e prender os maus — atirou ela, raspando as botas na gravilha da berma da estrada, o vento penetrando pelas pernas das calças de ganga. Puxou o colarinho do casaco para cima, estremecendo quando uma corrente de ar gélido lhe trespassou as camadas de roupa.

Jamie não estava a morder o isco, o que era um dos traços nele que davam com ela em doida.

— Fiona, eu *sei* que eles investigaram tudo porque analisei o processo. Mais de uma vez. Tal como tu, contra todas as regras da minha profissão. Está tudo no dossiê do caso. Preto no branco.

— Não era a tua irmã.

Ele ficou calado por instantes, reconhecendo o facto.

— O Tim Christopher foi acusado — disse ele. — Foi julgado e condenado pelo homicídio da Deb. Passou os últimos 20 anos numa prisão de alta segurança. E, Fee, tu continuas aí fora em Old Barrons Road às três da manhã.

Quanto mais ela andava, mais escuro ficava. Estava mais frio ali, uma estranha bolsa de ar fê-la encolher-se para se aconchegar dentro do casaco, enquanto o nariz ficava dormente.

— Tenho de saber como ele o fez — disse ela.

A irmã, de 20 anos, fora estrangulada e descartada no antigo campo desportivo nos terrenos abandonados de Idlewild Hall em 1994, deitada de lado, com os joelhos puxados para cima e os olhos abertos. A blusa e o soutien tinham sido abertos à força; o tecido, rasgado. A última vez que fora vista havia sido na residência universitária a 45 quilómetros de distância. O namorado, Tim Christopher, tinha passado 20 anos na prisão pelo crime. Reivindicara inocência e ainda o fazia.

Fiona tinha, na altura, 17 anos. Não gostava muito de pensar em como o assassinio tinha destruído a família, em como lhe afetara a vida. Era mais fácil ficar à beira da estrada e pensar obsessivamente em como Christopher abandonara o corpo da irmã, coisa que nunca fora completamente clara, já que nunca tinham sido encontradas pegadas no campo nem na mata, nem tão-pouco tinham sido detetadas rodeiras na berma da estrada. A propriedade de Idlewild estava cercada com uma vedação, mas tinha décadas e estava quase toda partida; podia facilmente ter transportado o corpo por uma das aberturas na vedação. Partindo do princípio de que viera daquele lado.

Jamie tinha razão. Raios para ele e para o seu cérebro de polícia, com o qual o seu cérebro de jornalista contrastava sempre. Aquele era um pormenor que a incomodava com persistência, que lhe mantinha a ferida aberta, muito depois de todos os outros terem feito os seus curativos e se terem afastado, coxeando. Ela devia pegar numa muleta — álcool ou drogas eram as mais convenientes — e começar a afastar-se, coxeando juntamente com todos os outros.

No entanto, estremeceu, olhou para as árvores e pensou: *Como diabo é que ele a transportou por aquela vedação sem deixar pegadas?*

Ainda tinha o telemóvel no ouvido. Ouvia Jamie ali, à espera.

— Estás a julgar-me.

— Não estou — protestou ele.

— Dá para perceber pela maneira como respiras.

— Estás a falar a sério?

— Eu... — Ouviu o som de passos atrás dela e ficou paralisada.

— Fiona? — perguntou Jamie, como se também os tivesse ouvido pelo telefone.

— Chiu — disse ela, o som vindo-lhe instintivamente aos lábios.

Parou e inclinou a cabeça. Estava embrenhada numa escuridão quase total naquele momento. Idlewild Hall, o antigo internato de raparigas, estava fechado e abandonado desde 1979, muito antes de Deb morrer; os portões, trancados; os terrenos, cobertos de mato. Não havia luzes ali, no fim da estrada, junto aos portões da antiga escola. Nada, a não ser o vento a movimentar as árvores.

Deu meia-volta, rigidamente. Tinha sido perfeitamente claro, um ruído de passos na gralhinha. Se fosse algum tratante a vir da mata, ela não tinha com que se defender. Teria de gritar ao telefone para Jamie ouvir, e esperar que tudo corresse pelo melhor.

Ficou a olhar para o silêncio sombrio que tinha atrás de si, vendo as últimas folhas moribundas reluzirem nas árvores escuras.

— Mas que merda...?! — vociferou Jamie. Nunca dizia palavrões, a menos que estivesse alarmado.

— Chiu — disse-lhe ela outra vez. — Não é ninguém. Não é nada. Pensei que tinha ouvido qualquer coisa, mais nada.

— Será que tenho de te dizer — disse ele — para não andares numa estrada escura e abandonada no meio da noite?

— Não achas que Old Barrons Road tem qualquer coisa de intimidante? — disse ela. — Quer dizer, já algum dia aqui estiveste? É um pouco sinistro. Como se houvesse aqui qualquer coisa...

— Não aguento isto muito mais tempo — disse Jamie. — Mete-te no carro e volta para casa ou vou aí buscar-te.

— Já vou, já vou.

As mãos formigavam-lhe, até a mão que estava gelada a pegar no telemóvel, e mesmo assim continuava a sentir uma onda nervosa de adrenalina a descer-lhe pela coluna. *Aquilo tinha sido um passo. Um passo verdadeiro.* Dali, não via a colina, escondida atrás das árvores, e subitamente sentiu a falta da visão reconfortante das luzes fluorescentes do posto de combustível. Deu um passo e apercebeu-se de uma coisa. Parou e virou-se para trás outra vez, avançando a passos rápidos para os portões de Idlewild Hall.

— Espero que esse som seja tu a dirigires-te para o carro — disse Jamie sombriamente.

— Há uma placa — disse Fiona. — Vi-a. Está pregada nos portões. Não estava lá antes. — Aproximou-se o suficiente para ler as palavras na escuridão. UM NOVO PROJETO DA MACMILLAN CONSTRUCTION, LDA. — Jamie, porque está aqui uma placa a dizer que Idlewild Hall está em obras?

— Porque está — respondeu ele. — A partir da próxima semana. O imóvel foi vendido há dois anos e o novo dono vai tomar posse agora. Vai ser restaurado, pelo que ouvi dizer.

— Restaurado? — Fiona pestanejou para a placa, tentando perceber. — Restaurado para se tornar o quê?

— Uma nova escola — respondeu ele. — Vão restaurá-lo e torná-lo outra vez um colégio interno.

— *O quê?*

— Não quis falar-te nisso, Fee. Sei o que esse lugar significa para ti.

Fiona deu um passo para trás, sempre a olhar para a placa. *Restaurar.* Iam andar raparigas a brincar no campo onde o corpo de Deb tinha sido abandonado. Iam construir novos edifícios, derrubar os velhos, acrescentar um parque de estacionamento, talvez alargar a estrada. Toda aquela paisagem que ali estivera durante 20 anos, a paisagem que ela tão bem conhecia — a paisagem da morte de Deb — desapareceria.

— Raios! — disse ela a Jamie, ao virar-se e voltar para o carro. — Telefone-te amanhã. Vou para casa.

Capítulo 2

Katie

Barrons, Vermont

Outubro de 1950

A primeira vez que Katie Winthrop viu Idlewild Hall, quase chorou. Estava no banco de trás do *Chevrolet* do pai, espreitando entre o ombro do pai, vestido com um casaco cinzento, e o da mãe, com uma blusa de crepe. Quando apareceram os grandes portões pretos ao fundo de Old Barrons Road, sentiu as lágrimas subitamente a virem-lhe aos olhos.

Os portões estavam abertos, algo que depressa ficou a saber ser coisa rara. O pai conduzira o carro em silêncio pela estrada de terra batida e ela ficara a olhar para o edifício que se erguia à frente deles: o salão principal, com uma altura de três andares e interminavelmente comprido, ladeado por janelas pontiagudas que pareciam filas de dentes, interrompidas apenas pelo pórtico que assinalava a porta da frente. Era agosto, e o ar estava denso e quente; pesado, com a chuva que se anunciava. Estranhamente, ao aproximarem-se, parecia que estavam a entrar nas mandíbulas do edifício, e Katie engolira em seco, mantendo-se muito hirta e calada, à medida que o edifício ficava cada vez maior no para-brisas.

O pai parou o carro, e, por instantes, não se ouvia outro som que não o trabalhar do motor. Idlewild Hall era sombrio, sem sinais de vida. Katie olhou para a mãe, mas a cara desta estava virada para o outro lado, olhando o vazio pela janela do passageiro, e embora Katie estivesse tão perto que conseguia ver os grãos de base

que a mãe aplicara na face com uma pequena esponja, não disse nada.

Desculpa, apeteceu-lhe subitamente dizer. *Por favor, não me obrigues a ficar aqui. Não consigo. Desculpa...*

— Vou buscar as tuas malas — disse o pai.

Aquilo tinha-se passado dois anos antes. Agora Katie estava habituada a Idlewild — aos longos corredores gastos que cheiravam a bolor e à transpiração das raparigas, às janelas que, no inverno, deixavam entrar correntes de ar geladas pelas frinchas laterais, ao odor húmido e desagradável da relva do campo de hóquei em qualquer estação do ano, aos uniformes que não mudavam desde a abertura da escola em 1919.

Katie era o tipo de rapariga a quem as outras raparigas facilmente obedeciam: de cabelo escuro, dominante, bonita, um pouco agressiva e destemida. Não se podia dizer que fosse popular, mas tinha sido obrigada a usar os punhos uma ou duas vezes, e de ambas as ocasiões ganhara sem dificuldade. Sabia que um bom primeiro soco era meio caminho andado, e ela tinha usado os seus sem misericórdia. Não era fácil sobreviver num colégio interno cheio de raparigas descartadas, mas depois de engolir as lágrimas naqueles primeiros momentos, Katie tinha-se adaptado.

Via os pais duas vezes por ano, uma vez no verão e outra vez no Natal, e nunca lhes pediu desculpa.

Havia quatro raparigas por quarto em Clayton Hall, o dormitório. Nunca se sabia com quem se ia ficar. Uma das primeiras colegas de quarto de Katie, uma rapariga de cabelo gorduroso de New Hampshire que dizia que era descendente de uma verdadeira bruxa de Salem, tinha o hábito de cantar baixinho ininterruptamente enquanto lia o manual de Latim, mordendo a unha do polegar com tal diligência que Katie achava que podia ser um motivo para homicídio. Depois de a bruxa de Salem se ir embora, foi substituída por uma rapariga de pernas compridas e cabelo encaracolado de cujo nome Katie nunca se lembrava, e que passava a maior parte das noites enroscada no beliche, soluçando baixinho na almofada, até que Charlotte Kankle — que era enorme e estava sempre zangada

— saiu do beliche e lhe disse: «Para de chorar, por amor de Deus, ou juro-te que as outras raparigas te seguram enquanto eu te ponho o nariz a sangrar.» Ninguém a contradisse. A chorona ficou calada depois daquilo, e foi-se embora semanas mais tarde.

Charlotte Kankle mudara-se desde então para o fundo do corredor — depois de se ter envolvido numa briga com Katie, uma das vitórias de Katie —, e agora tinha um grupinho de colegas de quarto no 3C que, tinha de o admitir, até nem eram um falhanço total. Idlewild era o colégio interno de último recurso, onde os pais encafuvavam os seus embaraços, os seus falhanços e as suas filhas recalcitran-tes. Escondido na recôndita mata de Vermont, só tinha 120 alunas: filhas ilegítimas, filhas das primeiras mulheres, filhas das criadas, raparigas imigrantes, raparigas que se portavam mal ou com dificuldades de aprendizagem. Muitas delas brigavam e desconfiavam umas das outras; mas, de uma maneira relutante, Katie sentia que aquelas raparigas eram as únicas que a compreendiam. Eram as únicas que se limitavam a encolher os ombros, de tédio, quando lhes contava quantas vezes tinha fugido de casa.

Certa noite, sentou-se na cama depois do recolher e procurou debaixo da almofada o maço de cigarros que lá tinha guardado. Era outubro, e a chuva fria de outono salpicava a única janela alta do dormitório. Bateu no beliche por cima dela.

— CeCe.

— O que foi? — CeCe estava acordada, claro. Katie sabia isso pelo som da respiração dela.

— Quero contar-te uma história de fantasmas.

— Queres? — Ouviu-se um som abafado quando CeCe deslizou na cama dela e espreitou para baixo, para Katie. — É a da Mary Hand?

— Oh, não — ouviu-se uma voz do cimo do beliche do outro lado do quarto. — Outra história da Mary Hand não.

— Chiu, Roberta — disse CeCe. — Vais acordar a Sonia.

— Estou acordada — disse Sonia debaixo dos cobertores no beliche por baixo de Roberta. Quando estava quase a dormir, a pronúncia francesa era mais acentuada. — Não consigo dormir com vocês todas a falarem.

Katie bateu com o maço para tirar um cigarro. As quatro raparigas do quarto tinham 15 anos — Idlewild há muito que juntava as raparigas da mesma idade, porque as mais velhas tinham tendência para maltratarem as mais novas quando partilhavam o mesmo quarto.

— A Mary Hand está no meu manual de Latim — disse ela. — Olhem.

Tirou o livro — que tinha décadas e cheirava a bafio — de debaixo da cama, juntamente com uma pequena lanterna. As lanternas eram proibidas em Idlewild, uma regra que todas as raparigas sem exceção ignoravam. Segurando a lanterna, virou rapidamente as páginas do livro até chegar à página que queria.

— Estão a ver? — disse ela.

CeCe tinha descido da cama. Das quatro, era a que tinha os seios maiores, pelo que, deliberadamente, se fez acompanhar de um cobertor, puxando-o por cima dos ombros.

— Oh — disse ela, enquanto olhava fixamente para a página que Katie iluminava com a lanterna. — Tenho isso na minha gramática. Pelo menos, uma coisa parecida.

— O que é?

Roberta — atraída pelo que ouvia —, saiu do beliche de cima, com a barriga das pernas à mostra por baixo da camisa de noite que já lhe ficava pequena, e com o cabelo louro-acastanhado preso numa trança a cair-lhe pelas costas. Aterrou no chão sem fazer barulho e espreitou por cima do ombro de CeCe. Katie ouviu a inspiração suave.

Ao longo de toda a página, na margem estreita que estava em branco, lia-se uma mensagem escrita a lápis.

Vi a Mary Hand pela janela do 1G, Clayton Hall.

Estava a caminhar no campo, afastando-se.

Quarta-feira, 7 de agosto de 1941. Jenny Baird

Olhar para a mensagem provocou em Katie uma vaga sensação de náusea, um breve acesso de medo que se recusou a deixar

transparecer. Toda a gente já ouvira falar de Mary Hand, mas, de alguma maneira, estas palavras tornavam-na mais real.

— Não é uma brincadeira, pois não — disse ela. Uma afirmação, não uma pergunta.

— Não, não é brincadeira — disse CeCe. — A da minha gramática dizia: *Quarto de banho, terceiro piso, fundo do corredor do lado poente, vi lá a Mary Hand*. Era de 1939.

— É uma mensagem — disse Sonia, que se levantara e estava a espreitar por cima do ombro de Roberta. Encolheu os ombros e voltou a afastar-se. — Também as vi. Acho que nunca mudaram os manuais aqui.

Katie folheou as páginas bafientas do manual de Latim. A primeira página apresentava a data do *copyright* como sendo de 1919, o ano em que Idlewild abrira. Tentou imaginar como seria a escola então: o edifício novo em folha, os uniformes novos em folha, os manuais novos em folha. Naquele momento, em 1950, Idlewild era uma máquina do tempo, um lugar que nada tinha que falasse sobre bombas atómicas ou que passasse o programa de variedades *Texaco Star Theatre* na televisão. Fazia sentido, de uma maneira distorcida, que as raparigas de Idlewild passassem o conhecimento de umas para as outras nas margens dos manuais, juntamente com as listas das batalhas da Revolução Americana e a composição química do iodo. Os professores nunca folheavam aqueles livros, nem nunca os deitavam fora. Se alguém quisesse avisar uma rapariga que viesse a entrar no colégio sobre Mary Hand, aqueles livros eram o melhor sítio para o fazer.

Pela janela do 1G, Clayton Hall. Katie riscou um fósforo e acendeu o cigarro.

— Não devias fazer isso, Katie — disse Roberta sem convicção. — A Susan vai sentir o cheiro e depois estás feita.

— A Susan Brady está a dormir — respondeu Katie.

Susan era a monitora do terceiro piso, e levava a sua função muito a sério, o que fazia com que ninguém gostasse dela. Katie desligou a lanterna e as quatro ficaram sentadas às escuras. Roberta atirou com uma almofada para o chão e sentou-se com as costas contra

o estreito guarda-roupa. Sonia foi, silenciosamente, para junto da janela e abriu-a cuidadosamente, deixando o fumo sair.

— E então? — disse CeCe para Katie. — Já a viste?

Katie encolheu os ombros. Já estava arrependida de ter falado no assunto; conhecia estas raparigas, mas não o suficiente para poder confiar nelas. Olhar outra vez para as mensagens a lápis no livro de Latim deixara-a inquieta. A verdade é que não tinha a certeza do que lhe tinha acontecido, e gostava que fosse tão simples como ver o fantasma de Idlewild na casa de banho. Parecera-lhe tão real na altura, mas revelava-se impossível verbalizar a experiência. Engoliu em seco e mudou de assunto.

— Acham que ela foi mesmo aluna aqui? — perguntou às outras.

— Ouvi dizer que sim — disse Roberta. — A Mary van Woorten, da equipa de hóquei em campo, diz que a Mary Hand morreu quando ficou trancada do lado de fora da escola numa noite de inverno e se perdeu.

— Deve ter sido há séculos. — CeCe tinha gatinhado para o beliche ao lado do de Katie e ajeitava as almofadas contra a cabeceira. — Ouvi dizer que ela bate à janela à noite, para tentar entrar. Que implora às raparigas que vão lá para fora e a sigam; mas quem sair morre.

CeCe era a colega de quarto mais antiga de Katie, e aquela que conhecia melhor, pois CeCe era um livro aberto. Era filha ilegítima de um banqueiro rico que se tinha envolvido com uma das criadas da casa e fora despachada para colégios internos a maior parte da vida. CeCe, surpreendentemente, não sentia rancor pelo pai, e era chegada à mãe, a qual era agora governanta de uma família em Boston. Contara tudo aquilo a Katie no primeiro encontro que tiveram, enquanto pendurava o casaco do uniforme de Idlewild e arrumava o *stick* de hóquei.

— Às vezes, é possível ouvi-la cantar no campo quando o vento bate nas árvores — acrescentou Roberta. — Uma canção de embalar ou coisa parecida.

Katie ainda não tinha ouvido aquela.

— Consegue ouvir-se a Mary Hand?

Roberta encolheu os ombros. Só estava em Idlewild há alguns meses, enquanto as outras raparigas lá estavam há, pelo menos, um ano, e Sonia, havia três. Roberta era esperta, uma atleta inata, embora não fosse muito faladora. Ninguém sabia nada da sua vida familiar. Katie não conseguia entender o que ela estava ali a fazer, mas pelo olhar a meia haste que via muitas vezes nos olhos de Roberta — aquele olhar de recolhimento, de quem observa o mundo como se estivesse atrás de uma parede, que era comum a muitas raparigas de Idlewild —, sabia que havia uma razão.

— Pessoalmente, nunca a ouvi e vou aos treinos quatro vezes por semana. — Roberta virou-se para Sonia, como tantas vezes fazia. — Sonia, o que achas?

Se CeCe era a mais fácil de compreender, Sonia era a mais difícil. Pálida, magra, reservada, flutuando para dentro e para fora dos aglomerados de gente e dos complicados grupinhos, parecia distante de tudo, mesmo para uma rapariga de Idlewild. Era imigrante de França, tendo vindo depois da guerra, na qual tantas raparigas haviam perdido um pai ou um irmão ou visto os homens voltarem a casa desfeitos, dos campos de prisioneiros de guerra, e ninguém lhe fazia perguntas sobre isso. Era a que estava em Idlewild há mais tempo.

Sonia parecia completamente autónoma, como se o que estava a acontecer dentro da sua cabeça fosse suficiente para ela. Por uma qualquer razão, Roberta, que era ágil, atlética e graciosa, tinha-se tornado muito amiga de Sonia, sendo muitas vezes vista ao lado dela. Estavam tão à vontade juntas que a cumplicidade fazia Katie querer a mesma coisa para si. Katie nunca tinha estado à vontade com ninguém. Sempre fora a rapariga que tinha admiradoras, não amigas.

Sonia apanhou o olhar de Katie por instantes e encolheu os ombros — um gesto indiferente e europeu, mesmo que vestisse apenas uma simples camisa de noite branca.

— Não quero saber de fantasmas — disse ela com a sua pronúncia doce e melodiosa —, embora, como toda a gente, tenha ouvido dizer que usa um vestido preto e um véu, o que me parece uma roupa estranha quando se está lá fora a apanhar neve. — Ao seu olhar,

pousado em Katie na obscuridade sombria, nada escapava. — Mas tu viste alguma coisa, não viste?

Katie olhou para o cigarro esquecido entre os dedos.

— Ouvi-a — disse ela. Apagou o cigarro na parte de trás da medalha de mérito do segundo ano que alguém deixara esquecida e esmagou a beata com o polegar.

— *Ouviste-a?* — perguntou CeCe.

Katie inspirou. De alguma forma, falar de Mary Hand era um pouco como falar de um segredo de família. Uma coisa era contar histórias de fantasmas às escuras, outra era abrir o cacifo antes da aula de ginástica e sentia-se qualquer coisa a fechá-lo outra vez. Eram pequenas coisas, como a sensação de se estar a ser observada, ou sentir uma zona particularmente fria no corredor — e a incerteza de terem de facto acontecido era tal, que era preferível que nunca fossem comentadas com ninguém. Mas aquilo fora diferente e Katie sentia necessidade de o dizer em voz alta.

— Foi perto do jardim, no caminho que passa ao lado do refeitório.

As raparigas assentiram com a cabeça. Os edifícios principais de Idlewild estavam dispostos em «U» à volta do jardim, ponteados com árvores pouco cuidadas e passeios de laje cheios de ervas daninhas.

— Aquela zona mete-me medo — disse CeCe. — Aquela junto do jardim.

Também metia medo a Katie. Ninguém gostava do jardim, embora o programa incluísse uma aula semana de Jardinagem, a qual implicava que, relutantemente, cavassem a terra húmida que cheirava a podre. Até os professores evitavam o jardim.

— Estava a fumar um cigarro às escondidas depois do jantar, e saí do caminho para que a professora Peabody não me visse. Sabem que ela também fuma lá fora, embora não deva. Quando estava de baixo do ácer, senti qualquer coisa. Alguém estava lá.

CeCe estava inclinada para a frente, fascinada.

— Mas não viste nada?

— Ouvi uma voz — disse Katie. — Era... Não a imaginei. Estava mesmo ali ao meu lado, como se alguém estivesse ali. Ouvi-a claramente.

Ainda se lembrava daquele momento debaixo do ácer, em cima de um tapete de folhas caídas, em que deixara cair o cigarro ao chão, o cabelo se lhe eriçara quando uma voz lhe falou por trás da orelha direita. Idlewild era um espaço antigo, e, ali, o medo era um medo antigo. Katie achava que sabia o que era sentir medo até àquele momento, mas quando a voz falou, compreendeu que o medo era mais ancestral e maior do que podia imaginar.

— E então? — incitou Roberta. — O que disse ela?

Katie pigarreou.

— «Não te mexas» — respondeu Katie.

Ficaram todas caladas por instantes.

— Oh, meu Deus — disse CeCe baixinho.

Estranhamente, foi para Sonia que Katie olhou. Sonia estava sentada no chão, encostada à parede sob a janela, com as pernas magras encolhidas e os joelhos encostados ao peito. Estava muito quieta, banhada pelas sombras, e Katie não sabia dizer se os olhos de Sonia estavam fixados nela ou não. Ao longe, uma porta bateu com força, e alguma coisa tamborilava, como água a pingar do teto.

— Porquê? — perguntou-lhe Sonia, com a suave cadência francesa. — Porque te disse isso?

Katie encolheu os ombros e os músculos retorceram-se-lhe, embora estivesse escuro e as outras raparigas não pudessem ver o gesto.

— Não sei — ripostou ela, com a voz a ficar mais aguda antes de a conseguir suavizar. — Foi apenas uma voz que ouvi. É a única coisa que sei.

Mentira, mentira. Mas como podia um velho fantasma qualquer saber?

Não te mexas. Não podia falar sobre isso. Com ninguém. Ainda não.

— O que fizeste? — perguntou Roberta.

Aquela pergunta era mais fácil.

— Corri como o caraças!

Só CeCe, encostada à cabeceira, fez um breve som de desaprovação da linguagem. Para filha ilegítima, tinha sido educada primorosamente.

— Eu teria feito o mesmo — admitiu ela. — Certa vez, vi um rapazinho. Em casa dos Ellesmeres. — Os Ellesmeres eram a família do seu pai rico, embora CeCe não tivesse recebido o nome de família. — Um dia, enquanto a mãe trabalhava, eu estava a brincar no pátio das traseiras. Levantei os olhos e havia um rapaz numa janela alta da casa a observar-me. Acenei-lhe, mas ele não me respondeu. Quando perguntei à minha mãe porque é que o rapaz não podia ir brincar lá para fora, ela ficou com uma expressão estranha. Disse-me que eu andava a ver coisas, e que não devia voltar a falar sobre aquele rapaz outra vez, especialmente em frente dos Ellesmeres. Não o voltei a ver. Sempre me questioneei sobre quem seria.

— A minha avó costumava falar-me do fantasma que tinha no sótão — disse Roberta. — Deslocava a mobília toda lá em cima e fazia muito barulho. Dizia que havia noites em que ficava deitada na cama a ouvir as cómodas e os baús a serem arrastados pelo chão. A minha mãe dizia que ela era apenas uma senhora idosa a tentar chamar a atenção, mas houve um verão em que passei duas semanas em casa da minha avó e também o ouvi. Era exatamente como ela dizia — mobília arrastada pelo chão e o som do velho candeeiro de metal a ser levantado e pousado, consecutivamente. Na manhã seguinte, perguntei-lhe se era o fantasma do avô que fazia aquilo, e ela limitou-se a olhar para mim e a dizer: «Não, querida. É uma coisa muito pior.» — Fez uma pausa. — Nunca mais lá voltei. Ela morreu no Natal desse ano e a minha mãe vendeu a casa.

— E tu, Sonia? — perguntou CeCe. — Alguma vez viste um fantasma?

Sonia alongou as pernas magras, pôs-se de pé e fechou a janela, suspendendo a corrente de ar frio que vinha de fora. Mas Katie continuava a tremer.

— Os mortos estão mortos — disse ela. — Não quero saber de fantasmas.

Katie ficou a olhar para a silhueta de Sonia na quase completa escuridão. A afirmação soara a desdém, mas Sonia não dissera que não acreditava em fantasmas. Não dissera que nunca tinha visto nenhum. Não dissera que não existiam.

Ela sabia, tal como todas elas sabiam.

A chuva bateu na janela outra vez. *Não te mexas*, voltava a dizer a voz dentro da cabeça de Katie. *Não te mexas*. Abraçou-se com força e fechou os olhos.

Capítulo 3

Barrons, Vermont
Novembro de 2014

— Jonas — disse Fiona, na manhã seguinte, quando entrou nas exíguas instalações da *Lively Vermont*. — Sabias que Idlewild Hall está a ser restaurado?

A sala principal estava vazia, mas a porta de Jonas estava escancarada, e ela sabia que ele estava lá dentro. Estava sempre. Zigue-zagueou por entre as secretárias desiguais e as caixas de cartão que enchiam a divisão principal e dirigiu-se para o único gabinete privado da *Lively Vermont*, a toca do dono e editor-chefe da revista.

— És tu, Fiona Sheridan? — respondeu a voz de lá de dentro. — Há dias que não te ponho a vista em cima.

Ela chegou à porta e espreitou para dentro do gabinete de Jonas. Estava debruçado sobre a secretária, olhando atentamente para uma fotografia, com o ecrã do computador em branco e ignorado atrás dele. Típico de Jonas.

— Pois, talvez seja porque eu não trabalho para ti — disse ela.

Ele levantou os olhos.

— Trabalhas para mim, mas por conta própria. Também conta.

Fiona deu por si a sorrir.

— Não quando se fala em seguro de saúde.

Jonas ofereceu-lhe uma expressão impenetrável, mas ela sabia que ele estava a brincar. Jonas Cooper rondava os 50 anos, tinha o cabelo castanho-acinzentado penteado para trás e com risco ao meio

—, formando duas asas eximamente desenhadas e impressionantes —, as sobranceiras, cerradas e escuras por cima dos olhos intensos. Vestia uma camisa aos quadrados vermelhos e pretos, aberta o suficiente para deixar espreitar uma camisola interior. Ele e a mulher tinham comprado a *Lively Vermont* há mais de uma década, e desde o divórcio no ano anterior Jonas tinha estado a tentar mantê-la em funcionamento.

— Tens uma história para mim? — perguntou ele.

— Não — respondeu Fiona. — Dei-te uma na sexta-feira. Disseste-me que te comprometia o orçamento.

— Para este número, sim. Mas há sempre outro.

Por enquanto, pensou ela. A *Lively Vermont* era apenas uma das várias publicações para as quais Fiona escrevia, e a verdade é que a revista estava com tantos problemas como as outras.

— O que é isso? — perguntou ela, apontando para a fotografia.

— É de uma fotógrafa local. — Baixou os olhos para a fotografia outra vez e encolheu os ombros. — Vive em East Charlotte. O trabalho não é mau. Talvez publique um artigo se encontrar um escritor.

— Não. Nem pensar.

— Porquê? — Jonas recostou-se para trás na cadeira *vintage* e atirou com a fotografia para cima de um monte.

— Porque fiz há pouco uma história sobre queijo artesanal. Já vendi a alma ao diabo por este mês.

Jonas lançou-lhe um olhar que dizia *Sei que estás a mentir*. E estava. Fiona era excelente a escrever banalidades — não tinha pretensões a grande jornalismo. Não queria escrever um artigo sobre uma fotógrafa porque os fotógrafos lhe perguntavam sempre pelo pai.

— Pensa nisso — disse ele. — Se isto se concretizar, talvez arranje dinheiro para o pagar. Então, de que estavas a falar quando entraste?

Fiona sentiu o coração acelerar, como se estivesse prestes a pedir uma coisa proibida.

— Idlewild Hall — disse ela. — Ouvi dizer que o vão restaurar. Jonas parecia desconfiado, mas assentiu com a cabeça.

— O novo dono.

— Quem é?

— Margaret Eden. Mulher do falecido génio financeiro, Joseph Eden. O nome diz-te alguma coisa?

Dizia. Qualquer coisa relacionada com a crise económica de 2008. Já vira a cara dele nas notícias.

— Então ele comprou a propriedade?

— Não. Ele morreu e foi a mulher que a comprou. Veio de Nova Iorque para supervisionar as obras de restauro, acho eu.

Fiona ficou um pouco irritada por Jonas já estar a par do caso.

— Os Christophers foram os donos daquela terra durante décadas — disse ela. — Desde que a escola fechou em 1979. Ninguém me disse que tinha sido vendida. Ou que ia ser restaurada.

Jonas olhou com uma expressão compreensiva para ela.

— Aquilo não era meu — disse ele suavemente. — E o restauro não tem passado de conversa. Não pensei que alguém fosse mesmo em frente com o projeto.

— Pois, mas vai mesmo em frente. Vi as placas de construção na vedação quando lá fui ontem à noite.

Jonas ficou calado. Não vivia ali em 1994 — só se tinha mudado para lá quando comprara a revista —, mas tinha conhecimento do homicídio de Deb, que o corpo fora abandonado em Idlewild e que Tim Christopher fora para a prisão pelo crime. Toda a gente conhecia o caso. Não havia privacidade em Barrons, pelo menos para a família da vítima do homicídio mais famoso da cidade. Até Jonas sabia que ir a Idlewild não fazia bem a Fiona.

— Para — avisou-o Fiona. — Guarda o que ias dizer para ti.

Ele levantou as mãos.

— O problema é teu. Eu apenas dirijo uma revista.

Ela ficou a olhar para ele por instantes, ao mesmo tempo que reconheceu a energia nervosa da noite anterior a correr-lhe pelo sangue.

— Então, queres mesmo que eu escreva uma história? — perguntou ela. — Uma reportagem?

— Porque será que pressinto que me vou arrepender se disser que sim?

— Idlewild — disse ela. — É essa a história que vou escrever. Vou entrevistar a Margaret Eden. Vou examinar os projetos da escola. Visito a propriedade, tiro fotografias, tudo.

— Oh, céus — disse Jonas. — Não sei, Fiona.

— É do interesse da cidade — disse ela, sentindo o rosto aquecer. — Uma nova escola, o ressurgimento de uma instituição, mais emprego local. Ninguém vai cobrir o assunto. É melhor do que uma reportagem sobre uma fotógrafa. Não é isso que queres para a *Lively Vermont*? — perguntou, olhando-o diretamente nos olhos. — Estou bem com o assunto, Jonas — disse ela. — A sério que estou.

Para seu alívio, viu a cautela abandonar os olhos do interlocutor e o lado calculista de editor a tomar-lhe o lugar. Ele e a ex-mulher, Emily, tinham comprado a *Lively Vermont* pela reputação de revista de reflexão Yankee independente, mas — sob a direção de Emily — tinham-na transformado numa anódina revista sobre estilos de vida, do tipo que publicava anúncios de velas de 80 dólares e de colchas feitas à mão por cinco mil dólares. Jonas nunca se mostrou satisfeito com isso — queria mais, e era por isso que continuava a contratar os serviços de Fiona, na esperança de que ela tivesse a mesma fibra jornalística que o seu famoso pai.

— Admito que é interessante, mas não tenho orçamento para uma peça dessa envergadura.

— Faça-a sem compromisso — disse ela. — Tiro as fotografias. Nem sequer tens de comprar o artigo. Deixa-me só dizer que estou a trabalhar para a *Lively* quando telefonar à Margaret Eden. Isso abre-me mais portas.

— Compreendo. E o que ganho eu por te deixar usar o nome da minha revista?

— Dou-te a primeira opção sobre a peça. — Ela esperou enquanto ele pensava, subitamente impaciente. — Vá lá, Jonas. Sabes que é um bom negócio.

Parecia que queria ser convencido, mas disse:

— Vais pedir mais alguma coisa, não vais?

— Vou — disse Fiona, suspirando. — Queria começar com o enquadramento histórico. Dás-me acesso aos arquivos?

A *Lively Vermont* começou por ser publicada com recurso a uma fotocopiadora, em 1969, e todos os números estavam guardados numa série de armários de madeira em mau estado, destinados a dossiês que existiam desde a fundação da revista. Estavam agora encostados à parede do fundo do escritório, e alguém deixara em cima dos mesmos um prato com os restos de um *donut* juntamente com uma chávena de café.

— Podias ir à biblioteca... — sugeriu Jonas com ceticismo, ao mesmo tempo que Fiona abria as gavetas mais antigas. — Há lá mais sobre Idlewild do que o que nós temos.

— Toda a gente da biblioteca sabe quem sou — disse Fiona. Os dossiês tinham um cheiro a mofo que, por instantes, lhe puseram um sorriso no rosto. — Se souberem o que procuro, deixa de ser segredo.

Era verdade. Malcolm Sheridan, o famoso jornalista, era uma lenda local em Barrons, e Fiona, a única filha que lhe restava, tinha um cabelo ruivo inconfundível. O pessoal da biblioteca de Barrons era dedicado, mas eram poucos, e devido às muitas idas lá de Fiona ao longo dos anos, todos sabiam quem ela era.

— Está bem — disse Jonas. — E por que razão é que isto é um segredo, já agora? Não me digas que há muita competição por esta história.

Ela virou-se e deitou-lhe um olhar por cima dos ombros.

Ele devolveu-lhe o olhar.

— Nunca conheci uma jornalista que tivesse medo de bibliotecários.

— Nunca conheceste uma jornalista com a minha história de família — respondeu Fiona, procurando soar casual e leve. — Detesto mexericos. Posso perfeitamente encontrar outras fontes, especialmente online.

Fez-se um silêncio atrás dela quando retirou os dossiês de 1969 a 1979.

— Se andas à procura de mais fontes, o teu pai deve tê-las — disse ele. — Sabes isso.

— Eu sei — disse Fiona, fechando a gaveta com força. — Vou visitá-lo em breve. E aproveito para lhe perguntar.

— Muito bem. Depois, por favor, devolve-me os dossiês intactos. E, Fiona... — Jonas encolheu os ombros. — Como disse, tu é que sabes, mas vai haver referência aos Christophers nessa história. É inevitável.

Ele tinha razão. Antes de o filho ir para a prisão, acusado de homicídio, a família Christopher era a família mais rica e mais proeminente de Barrons. Era muito provável que houvesse qualquer coisa sobre os pais de Tim no dossiê que ela segurava nas mãos. Mas ela lidaria com essa informação quando tivesse de o fazer.

— Como te disse — reforçou ela —, estou bem.

Embora parecesse que Jonas estava prestes a dizer mais qualquer coisa sobre o assunto, a única coisa que disse foi:

— Dá cumprimentos ao teu pai.

— Serão entregues. Malcolm Sheridan era o ídolo jornalístico de Jonas, e era essa admiração que fazia com que Fiona mantivesse o emprego na *Lively Vermont*. — Depois digo-te alguma coisa — disse ela ao virar-se para a porta, agitando os dossiês na direção dele em jeito de agradecimento.

Estava um dia ventoso e cinzento, com o sol a tentar sair de trás das nuvens. As folhas tinham passado de cores vibrantes a castanho desmaiado, a maior parte delas jaziam já no chão. Uma mão-cheia de folhas de ácer, trazidas pelo vento, tinha pousado no para-brisas de Fiona, e ela afastou-as ao entrar no carro.

Contemplou brevemente o seu reflexo no retrovisor, enquanto punha o carro a trabalhar — cabelo ruivo, olhos cor de avelã, pele pálida, o princípio de umas rugas no canto dos olhos a atestar os seus 37 anos — e voltou a desviar o olhar. Provavelmente, devia começar a pensar em pôr um pouco de maquilhagem em breve. Provavelmente, devia alargar o guarda-roupa a mais do que calças de ganga, botas e casaco acolchoado, pelo menos até chegar o inverno em

força. Atirou com os dossiês para o banco do passageiro e dirigiu-se para o centro de Barrons.

Barrons consistia de alguns edifícios históricos bem-preservedos no centro da cidade, usados para atrair os poucos turistas que por lá passavam, rodeados por uma população de rendimentos exíguos que esperava que aqueles mesmos turistas não notassem os seus alpendres a cair e os montes de lenha nos acessos às casas. Fiona passou pela biblioteca com a sua fachada de ripas e, um quilómetro depois, por uma placa pintada com spray a publicitar as abóboras de outono, embora o Halloween tivesse sido semanas antes. Na praça que havia no centro da cidade, passou pelo velho edifício da Câmara Municipal e continuou pela New Street até à esquadra da Polícia.

Estacionou no pequeno parque de estacionamento da esquadra e pegou nos dossiês que estavam no lugar do passageiro. Não havia ninguém por perto, nenhum movimento no edifício atarracado da praça, construído por volta dos anos 70 do século xx, quando Barrons finalmente adquirira dimensão suficiente para justificar uma esquadra de Polícia. Havia duas mesas de piquenique sob os velhos carvalhos em frente da esquadra, e Fiona sentou-se numa das mesas, pousando os pés no banco, enquanto acedia ao telemóvel. Enviou uma mensagem a Jamie: «Estás aí dentro?»

Ele demorou cinco minutos a responder. Começara a folhear o primeiro dossiê quando ele respondeu com outra mensagem: «Estou a sair.»

Fiona pôs o telemóvel de novo no bolso e voltou a centrar a sua atenção nos dossiês. Ele demorou, para ela compreender que ainda estava zangado por causa da noite anterior, mas a porta da frente da esquadra lá se abriu e Jamie apareceu, vestindo uma *parka* de fim de outono por cima do uniforme.

Fiona levantou o olhar e ficou a observá-lo. Era difícil não o fazer, tinha de admitir. Jamie Creel da Polícia de Barrons, filho e neto de chefes da Polícia de Vermont, tinha cabelo louro-escuro, olhos azul-escuros e uma amostra de barba cor de mel. Era mais novo do que Fiona — 29 anos, face aos 37 dela — e andava com uma graciosidade natural, enquanto se encolhia para se proteger do vento.

— Estavas ocupado? — perguntou quando ele se aproximou.
Ele encolheu os ombros.

— Estava a escrever relatórios.

Não estava com o chapéu posto, e o vento tentava desgrenhar-lhe o cabelo. Parou a pouca distância da mesa de piquenique onde ela estava, com as mãos nos bolsos e as pernas afastadas, como que preparando-se para o que dali viesse.

— Vim pedir desculpa — disse ela.

As sobrancelhas dele levantaram-se.

— Por quê?

— Por te deixar nervoso ontem à noite. Por me ter ido embora.

Os olhos dele semicerraram-se.

— Não estás verdadeiramente arrependida — observou ele.

— Seja como for, estou a pedir desculpas — disse ela, fixando-lhe o olhar. — A sério. Está bem?

Ele não respondeu, mas fez um gesto para os dossiês que ela tinha no colo, onde ela os segurava com uma mão para não serem levados pelo vento.

— O que é isso?

— Dossiês da *Lively Vermont*. Ando à procura da história de Idlewild Hall.

A postura de Jamie relaxou e esfregou a cara com a mão.

— Isto tem que ver com a noite passada, não tem? Vá lá, Fiona.

— É uma coisa boa... — protestou ela. — Vou escrever uma história.

— Sobre Idlewild?

— Sobre o restauro e a nova escola. — Ela estudava-lhe a expressão. — É uma boa ideia.

— Talvez para outra pessoa. Mas para ti?

— Não te preocupes; já sou uma menina crescida. Sei lidar com isto.

— Mas ontem não conseguiste lidar com a situação — disse ele.

— Estavas uma pilha.

Fora *de facto* uma situação meio estranha, mas não se arrependia. Aquela viagem a Old Barrons Road tinha libertado qualquer

coisa. Idlewild sempre lhe assombrara a mente em silêncio, uma parte obscura da sua mente. Tinha feito os possíveis por não falar disso nos últimos 20 anos, mas falar sobre aquilo naquele momento em voz alta era como passar por uma sangria — dolorosa, mas igualmente necessária.

— Hoje estou melhor — disse ela, dando uma palmadinha na mesa, ao seu lado. — Senta-te aqui ao pé de mim.

Ele suspirou, mas aproximou-se da mesa. Fiona ficou a observá-lo com a sensação surreal que ainda tinha, por vezes, quando olhava para Jamie, inclusive naquele momento. Um ano antes, tinha tido uma noite má — só, comprazendo-se em autocomiseração e sofrimento por Deb — e dera consigo num bar local, a beber sozinha. Jamie sentara-se no banco ao lado dela — bonito, musculoso e glorioso de uma maneira desgastada, alguém que parecia ter sido um atleta universitário antes de alguma coisa o ter deixado silencioso e desconfiado como um animal selvagem. Fiona pousara a bebida e olhara para ele, esperando uma daquelas tiradas de conversa fiada, mas Jamie não tinha pressa. Bebera a cerveja ponderadamente e depois pousara-a no balcão. «Olá», dissera ele.

Houve mais, mas na verdade bastou isso — apenas «olá». Duas horas mais tarde estavam na cama dele, o que a surpreendeu, mas enquadrava-se de certa forma com a disposição dela. Partiu do princípio de que era coisa de uma noite, mas ele pediu-lhe o número de telemóvel. Quando ele lhe telefonou, ela engoliu a surpresa e disse que sim. E quando ele voltou a telefonar, ela aceitou outra vez.

Não fazia sentido. Os polícias e os jornalistas eram inimigos por natureza; não se deviam misturar. E de muitas maneiras, não misturavam. Jamie não apresentou Fiona aos seus colegas nem a levava a nenhum dos eventos sociais deles. Ela nunca entrava na esquadra quando queria falar com ele durante o horário de trabalho, ao invés, esperava por ele na rua. Ele promoveu um encontro com os pais uma única vez — uma conversa pouco amigável que acabara minutos depois. Da parte dela, Fiona levava Jamie a conhecer Malcolm, mas só porque Malcolm insistira. Ficara preocupado ao saber que a filha namorava com um polícia, embora nunca se intrometesse na

vida amorosa dela. O encontro fora estranho, e ela continuava a não fazer ideia do que os dois homens pensavam um do outro.

E, no entanto, o trabalho de Jamie era uma das razões pelas quais gostava dele, bem como o facto de ele ter nascido em Barrons e de ter a cidade no sangue. Em todas as relações, tivera sempre o obstáculo de explicar o passado, de explicar *Deb*, reproduzindo o que acontecera e porquê. A maior parte dos homens tentava ser compreensiva, mas *Deb* estava sempre *lá*, uma barricada que Fiona não conseguia transpor. Com Jamie nunca precisou de o fazer. Ele sabia quem ela era quando a abordou naquele bar; o pai era chefe da Polícia quando *Deb* fora assassinada. Ela nunca precisou de lhe dizer nada porque ele já sabia.

Por isso, apesar das dificuldades, era fácil estar com Jamie. Fácil a ponto de estar preparada para fazer sacrifícios. Ele era inteligente, bastante engraçado. O que ele via em si, disse já não tinha tanta certeza, e não perguntava; talvez fosse o sexo — que era particularmente bom — ou o companheirismo. A única coisa que sabia era que preferia amputar o braço com uma serra ferrugenta a ter *a* conversa sobre *para onde vai a nossa relação?*

Jamie sentou-se ao lado dela em cima da mesa de piquenique e cruzou as longas pernas.

— Já te conheço... Queres alguma coisa — disse ele de forma prática. — Diz lá.

— A propriedade *Idlewild* — admitiu ela. Não valia a pena entrar em subterfúgios. — O que sabes sobre ela?

— Apenas o que toda a gente sabe.

— Mentiroso. Tu sabes tudo. Começa desde o princípio.

O pai e o avô de Jamie tinham sido chefes da Polícia em Barrons. Os *Creels* eram uma parte vital daquela região há décadas, e conheciam todas as famílias de Barrons, desde as mais ricas às mais pobres. De uma maneira que Fiona não compreendia, Jamie era totalmente dedicado àquele lugar e tinha uma memória que nunca descuidava um detalhe quando se tratava da sua cidade. Por isso, ela esperou que ele fosse buscar a informação agures ao seu sistema de arquivo, e depois ele começou a falar.

— Ora vejamos. Idlewild foi construída pouco depois da Primeira Guerra Mundial, penso, para meninas órfãs de veteranos de guerra. Passou por diferentes mãos ao longo dos anos, mas o número de matrículas na escola reduziu significativamente. A família Christopher comprou-a quando fechou em 1979. — Não olhou para ela quando disse o nome da família do assassino da irmã, para que ela soubesse que ele estava concentrado na história. — Os Christophers andavam a comprar muitas propriedades naquela altura — continuou ele. — Deviam querer tornar-se grandes barões do imobiliário. Algumas das propriedades que compraram eram rentáveis, outras não. Idlewild encaixava claramente na segunda categoria.

— Porquê? — perguntou Fiona.

Ela sabia algumas daquelas coisas, mas deixou-o falar.

Jamie encolheu os ombros.

— Tudo o que tentavam fracassava. Os sócios recuavam; o financiamento desaparecia. Não conseguiam que ninguém participasse nos empreendimentos. Sempre correram rumores de que a escola estava assombrada, o que parece um disparate quando se está a falar de um negócio imobiliário, mas acho que os Christophers avaliaram mal o investimento. A verdade é que Idlewild sempre assustou as pessoas por estas bandas. Ninguém se quer aproximar daquele lugar. Os Christophers tinham outros negócios que os estavam a enriquecer — ou a enriquecer ainda mais, melhor dizendo —, por isso, acabaram por se focar nesses e deixaram Idlewild ficar ali, qual elefante branco.

A lembrança que Fiona tinha de Idlewild recuava à sua infância — os miúdos a contarem histórias quando dormiam em casa dos amigos, os adolescentes a desafiarem-se a ir à propriedade depois de anoitecer. Ela nunca acreditou verdadeiramente em fantasmas, e também achava que nenhum dos outros miúdos acreditava, mas não havia dúvidas de que o que restava de Idlewild Hall era inquietante. Um pórtico a cair aos bocados, videiras a expandirem-se por cima das janelas, esse tipo de coisas. Mas, apesar de todo o medo que inspirava, não passava de mais um espaço, até ao homicídio.

— E depois a Deb morreu — instigou ela.

— Essa foi a sentença de morte para os Christophers por aqui — disse Jamie. — O tempo deles como a família mais proeminente de Barrons chegou ao fim. Depois de o Tim ser preso, o pai, o Henry, foi-se embora imediatamente. Quando o Tim foi condenado em tribunal, a família já tinha vendido o que podia, e mudado para o Colorado. Ainda lá estão, tanto quanto sei.

Fiona olhava fixamente para as mãos. Deb andava tão entusiasmada quando começara a namorar com Tim Christopher; ele era alto, bem-parecido, de uma família rica e importante. Ela nunca se sentira feliz no seu papel de filha de intelectuais da classe média.

— Mas não venderam Idlewild.

— Não podiam. Os edifícios estavam tão delapidados que quase não valiam nada, e a terra também não valia muito. A crise de 2008 não ajudou. A família deve ter ficado bastante contente quando este novo comprador apareceu.

— Margaret Eden — disse Fiona. — Quem é ela?

— Não sei mesmo — disse Jamie com um sorriso pesaroso. — Não é de cá; é de Nova Iorque. Ouvi dizer que é uma viúva idosa com muito dinheiro. Só isso.

— Quero conhecê-la.

— O meu pai diz que tem uma forma de estar muito isolada. É o filho que trata de todos os negócios dela.

— Nesse caso, quero conhecê-lo a ele.

— Fee. — Jamie virou-se, reposicionando-se para poder olhar diretamente para ela. O joelho dele roçou no dela e ela tentou não se sobressaltar com o toque. — Pensa no que estás a fazer — disse ele. — É só o que te peço. Pensa nisso.

— Já pensei — disse Fiona. Levantou um dos dossiês. — O que quero saber é: porquê restaurar Idlewild Hall agora? Aquilo não pode ser rentável.

— As pessoas ainda mandam os filhos para colégios internos — disse Jamie.

— Aqui? Sabes tão bem como eu qual é o salário médio nesta parte do Estado. Quem manda o filho para um colégio interno

caro, um colégio onde já foram gastos milhões para ser construído? A Margaret Eden não pode estar a financiar tudo sozinha. E se tem investidores, quem são? Como esperam fazer dinheiro?

«O dinheiro fala mais alto» sempre fora um dos princípios do pai como jornalista. «Quase invariavelmente, alguém, algures, está a ganhar dinheiro.»

— Achas que se está a passar mais alguma coisa.

— Acho que investir naquele lugar é deitar dinheiro à rua. Talvez ela não bata bem ou então andam a aproveitar-se dela. Não achas, no mínimo, estranho?

Ele levantou-se e ficou de frente para ela outra vez.

— Está bem — admitiu ele. — É estranho. E provavelmente é uma boa história. E ainda ninguém a explorou. — Olhou para a expressão triunfante dela e abanou a cabeça, mas a sua fisionomia já relaxara, e ela soube que o tinha convencido. — Diz-me como correu quando te encontrares com o Anthony Eden.

— Anthony é o filho?

— É. Vivem em Mitchel Place, na casa grande que fica na esquina. Podias ter descoberto tudo isto sozinha, sabes?

— Eu sei — respondeu Fiona, e deu por si a sorrir-lhe. — Mas é mais divertido conseguir a informação através de ti.

— Tenho de voltar para dentro — disse ele, prendendo-lhe o olhar. E lá estava: a eletricidade entre eles que parecia nunca desaparecer. Fiona sentiu necessidade de lhe tocar, mas quem os estivesse a ver pelas janelas da esquadra (e quase de certeza que havia alguém) nunca mais o deixaria em paz.

— Telefone-te mais tarde — conseguiu ela dizer.

— Talvez — respondeu ele. Deu um passo atrás, virou-se e dirigiu-se para a esquadra, acenando-lhe por cima do ombro. Ao pôr a mão na porta, parou: — Diz ao teu pai — disse ele. — Não deixes que ele o venha a saber por outra pessoa. — E entrou na esquadra.

VERMONT, 1950

Há um lugar para onde vão as raparigas que ninguém quer. As raparigas problemáticas, as filhas ilegítimas, aquelas que são demasiado espertas para o seu próprio bem. É uma escola chamada Idlewild Hall, que na vila se diz estar assombrada. Quatro colegas tornam-se amigas, sussurrando sobre os seus medos. Até que uma desaparece...

VERMONT, 2014

Por muito que tente, a jornalista Fiona Sheridan não consegue deixar de revisitar os eventos que, há 20 anos, levaram à morte da sua irmã, cujo corpo foi encontrado nos jardins da abandonada Idlewild Hall. Apesar de o namorado da irmã ter sido julgado e condenado pela sua morte, Fiona tem a certeza de que algo ficou por contar...

Quando descobre que Idlewild Hall vai ser recuperada por um investidor anónimo, Fiona decide que é hora de escrever um artigo sobre a história, e desenterrar todos os seus segredos.

E, com eles, uma voz que se ouvia pelos corredores...

«Um elemento de sobrenatural que arre pia, misturado com um mistério cativante. Funciona a vários níveis diferentes, e o enredo é soberbo.»

ASSOCIATED PRESS

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-14-0



9 789898 917140

Thriller